



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

HAVANIELE BANDEIRA NASCIMENTO

**O CIRCUITO DE PRODUÇÃO CULTURAL EM *MORTO ATÉ O ANOITECER* E A
EMERGÊNCIA DOS LEITORES TÁTICOS**

GUARABIRA
2016

HAVANIELE BANDEIRA NASCIMENTO

O CIRCUITO DE PRODUÇÃO CULTURAL EM *MORTO ATÉ O ANOITECER* E A EMERGÊNCIA DOS LEITORES TÁTICOS

Artigo apresentado à banca examinadora, no curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduada.

Área de concentração: História Contemporânea.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega.

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N244c Nascimento, Havaniele Bandeira

O circuito de produção cultural em morto até o anoitecer e a emergência dos leitores táticos. [manuscrito] / Havaniele Bandeira Nascimento. - 2016.

23 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.

"Orientação: Profa. Cra. Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega, Departamento de História".

1. História da leitura. 2. Vampiros. 3. Inter/trans/mídia. I.

Título.

21. ed. CDD 398.21

HAVANIELE BANDEIRA NASCIMENTO

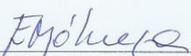
O CIRCUITO DE PRODUÇÃO CULTURAL EM *MORTO ATÉ O ANOITECER* E A EMERGÊNCIA DOS LEITORES TÁTICOS

Artigo apresentado à banca examinadora, no curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduada.

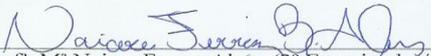
Área de concentração: História Contemporânea.

Aprovada em: 27/10/2016

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a. Pós Dr.^a. Elisa Mañana de Medeiros Nóbrega (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima (1º Examinador/a)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a. M^a Naiara Ferraz Alves (2º Examinador/a)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

GUARABIRA – PB
2016

A minha irmã, Amanda Helena Bandeira, pela
dedicação, companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À professora Dr^a. Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega, pela confiança depositada para realização deste trabalho. Por sua paciência. Pelos quase quatro anos de convivência do qual me proporcionou um seara de saberes imprescindíveis.

Ao meu querido professor, Dr. Carlos Adriano, o quão foi importante pela minha permanência no curso. Por puder compartilhar de suas inesquecíveis e maravilhosas aulas. Pelas suas sábias palavras. Por ser professor.

À todos funcionários do campus III. Lutelcia, Paulinha, Diego.

À instituição por ter oferecido esse passo acadêmico na minha vida.

À minha família pelo incentivo para a conclusão do curso. À Heloisa Helena Bandeira, Maria da Penha Bandeira, Amanda Helena Bandeira, Helisânia Bandeira, Hallyne Bandeira e Hellen Bandeira.

À Wellington Laurentino, pelo melhor companheiro que a universidade pode me proporcionar. Por todo carinho, paciência, palavras de conforto, compreensão e amor nesses últimos meses acadêmico. Por todas às vezes que me sentia esgotada e me mostrava o contrário. Por sempre estar presente. Obrigada por tudo.

À Mayanne Maurício, por descobrimos juntas o sentido da História em nossas vidas. Por todas aquelas tardes que surgiam debates sem sentidos, de assuntos tão banais e que dávamos tanta importância. Por todo seu apoio aos meus dramas acadêmicos. Por todas as caronas. Pela sua amizade, que levarei para além da graduação. À Emanuella Araújo, pelos seus ensinamentos acadêmicos e de vida. Pelos seus conselhos. Por todas as caronas. Pela sua amizade que ultrapassam os limites acadêmicos, que serão para uma vida.

À todos da turma 2012.2 que seguiram caminhos diferentes e em especial, Marcella Fernandes. E para aqueles que apesar dos obstáculos seguiram unidos ao término do curso. À Lívia, Gêssica e Nilton. E a nossa eterna Marisa Tayra.

À Alexandre Araújo, por sua linda amizade que também foi proporcionada pelo curso, mesmo que na reta final. E mesmo assim sempre se fez presente, principalmente na realização desse trabalho. Tenho um enorme carinho. Obrigada por tudo.

Obrigada a todos que de forma direta ou indiretamente fizeram parte dessa formação.

Sumário

| | |
|---|----|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 8 |
| 2. O FANTÁSTICO E O MONSTRUOSO ENQUANTO ELEMENTO INSÓLITO | 9 |
| 3. (RE)VIVENDO MORTO ATÉ O ANOITECER | 11 |
| 4. A TRANSMÍDIA TÁTICA DO LEITOR VAMPIRO | 12 |
| 5. BON TEMPS E O CORPO QUEER..... | 17 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 18 |
| REFERÊNCIAS | 22 |

O CIRCUITO DE PRODUÇÃO CULTURAL EM *MORTO ATÉ O ANOITECER* E A EMERGÊNCIA DOS LEITORES TÁTICOS

Havaniele Bandeira Nascimento¹

RESUMO

O presente artigo parte do campo da História e Literatura para compreender o circuito de produção cultural (edição, autoria e leitura) a partir da literatura juvenil, sobre a temática do fantástico e do insólito. O recorte foi realizado com base nas *Crônicas da Sookie Stackhouse*, estabelecendo um parâmetro metodológico no objetivo da utilização do primeiro volume das crônicas *Morto até o anoitecer*. Assim, trata-se de uma análise sobre a obra literária, apoiado na perspectiva da história da leitura, no propósito de desvendar as práticas do “leitor vampiro” da contemporaneidade. Operando no campo virtual com a finalidade de realizar um mapeamento estratégico para desvendar o que provoca a busca desse jovem leitor por certa tendência literária, para a obtenção de justificativas através dessas plataformas virtuais. Conceitualizando esses novos espaços que se constroem de forma coletiva, ocasionando essas práticas a uma colisão. Colidindo uma a outra no campo das ressignificações da transmídia, complexificando as noções estanques de leitura que outrora permeou a literatura.

Palavras-Chave: História da Leitura. Vampiros. Inter/Trans/Mídia.

1. INTRODUÇÃO

Esse artigo é resultado da minha experiência no Programa de Iniciação Científica (PIBIC) no projeto intitulado – *A emergência dos jovens leitores: a literatura como metáfora do real* – no período entre 2015/2016 sob a orientação da Prof^a Dr^a. Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega. Inscrito na grande área de Ciências Humanas e na subárea de História, está vinculado à linha de pesquisa História e Literatura.

O projeto teve como proposta a partir da relação entre história e literatura analisar a emergência da chamada geração de “jovens leitores” na perspectiva da história da leitura. Compreendendo o circuito de produção cultural da literatura juvenil, relacionada às temáticas do insólito e do fantástico. O recorte temático ficou circunscrito às *Crônicas de Sookie*

¹ Aluna de Graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
havanielebaneira@hotmail.com

Stackhouse, cujo título original é *The Southern Vampire Mysteries*. Trata-se de uma série literária em treze livros de autoria da norte-americana Charlaine Harris. O primeiro volume recebeu em português brasileiro o título de *Morto até o anoitecer* publicado em 2007, seu texto de partida é o livro *Dead until dark* (2001). Os livros foram adaptados para a série televisiva *True Blood* (2008 – 2014), exibida originalmente pela HBO² e dirigida por Alan Ball.

Análise aqui proposta não objetivo o esgotamento de toda coleção que compõe as crônicas de Sookie, pois foi feito um recorte transversal para, metodologicamente, tratar de algumas maneiras de ler na perspectiva da história cultural da leitura.

Diante da pesquisa optei por escrever o presente artigo sobre os eixos norteadores do projeto de pesquisa, foram: a) Tratar da emergência dessa geração de leitores, também designada como geração *Harry Potter*, na perspectiva da história da leitura (CERTEAU, CHARTIER), para compreender a produção editorial juvenil que trata aspectos do insólito e do fantástico. b) Analisar o circuito de produção (edição, autoria e leitura) dos selos produzidos para esse público alvo. c) Problematizar o universo de leitura a partir dos blogs de jovens leitores, financiados também pelas grandes e pequenas editoras.

O trabalho está dividido em quatro partes, a primeira corresponde ao diálogo entre as temáticas do Fantástico com Todorov em sua obra *Introdução à literatura fantástica* (1980), analisando os elementos insólitos na literatura a partir dos autores que estão no livro, *Vertentes teóricas e ficcionais do Insólito* (2012), organizado por Flávio Garcia e da Maria Batalha. E, estruturando a produção simbólica do monstruoso e dos aspectos que categorizam a história do medo, respectivamente introduzido Julio Jeha e Lyslei Nascimento em *Da fabricação dos monstros* (2009) e a *História do medo no ocidente* (1989) do Jean Delemeau. A segunda parte situa-se com a apresentação da obra literária da autora Charlaine Harris, *Morto até o anoitecer* (2007). Posteriormente, a terceira aborda a história da leitura nas perspectivas de Michel de Certeau em *Invenção do cotidiano* (1998), Roger Chartier em *A aventura do livro: do leitor ao navegador* (1998) e *A história ou leitura do tempo* (2009), na intenção de compreender o circuito de produção, edição, autoria e leitura. Utilizando-se de Henry Jenkins em *A cultura da convergência* (2009) no que se refere ao modelo transmídia. A quarta e última parte aborda a noção de monstruosidade, usando como objeto o corpo estranho, são os corpos que fogem dos padrões normalizadores, remetido por Guacira Louro em *Um corpo estranho – ensaios sobre a sexualidade e a teoria queer* (2012) e da

² **Home Box Office**, abreviação **HBO**, é um canal de televisão por assinatura norte-americano, de propriedade da Time Warner.

reivindicação do corpo normatizador usado por Beatriz Preciado *Multidões Queer: notas para uma política dos anormais* (2011).

2. O FANTÁSTICO E O MONSTRUOSO ENQUANTO ELEMENTO INSÓLITO

Destarte, se faz necessário discutir sobre a própria relevância da literatura fantástica. O marco epistemológico sobre essa terminologia se dá na década de 1970, quando o teórico Tzvetan Todorov publica a obra *Introdução à literatura fantástica* (1980), quando apresenta o fantástico nas narrativas literárias, compreendidas a partir da hesitação entre a definição do significado do natural e-ou do sobrenatural, afetando, de maneira ambígua e oscilante, o leitor. Assim, “o “mistério”, o “inexplicável” o “inadmissível”, se introduz na “vida real”, ou no “mundo real”, ou na inalterável legalidade cotidiana” (TODOROV, 1980, p. 16). Consequentemente, o leitor passa a interpretar os personagens/elementos do fantástico, de maneira que o sobrenatural seja interpretado como um cenário real do cotidiano.

A oscilação presente nas estruturas narrativas ocorre nos variados segmentos das obras que tem como incidência o fantástico. Um dos principais segmentos, segundo Talita Figueredo (2012), que convergem para a constituição de uma literatura fantástica é o insólito, que constitui o papel de atribuir a literatura como gênero do fantástico: “A esses elementos que causam oscilação entre o real e o imaginário damos o nome de insólito” (FIGUEREDO, 2012, p.70). De qualquer modo, a literatura fantástica e/ou insólita que produziu personagens figurativos atraiu na última década dimensões significativas no mundo dos leitores. Essa ampla influência entre o leitor e a literatura fantástica produz algumas questões: o que os jovens leitores buscam nas narrativas insólitas? De que forma se caracteriza esse envolvimento?

Partindo desse pressuposto, os residentes do “submundo” desde muito tempo fizeram parte do imaginário humano, personagens foram (re)criados a partir de cada momento sócio-histórico pertencentes a culturas distintas (CAMARA, 2012, p.165). A exemplo do monstro criado por Victor Frankenstein na história da Mary Shelley – *Frankenstein: or the Modern Prometheus* (1831) – considerado um clássico entre o gênero de horror. O romance narra a saga do cientista, Victor Frankenstein, que constrói um ser humano desafiando os ofícios da criação divina, transgredindo os limites naturais. Após os resultados de sua criação percebe as falhas cometidas em suas experiências, “que não dominava os segredos que buscava

desvendar e, portanto, é incapaz de dar um nome à criatura. O monstro é a metáfora do seu fracasso, um escândalo epistemológico: o conhecimento tem limite”. (JEHA, 2009, p.21)

O monstro apropria a ideia do violador dos sistemas naturais:

O monstro seria a arauto de uma crise de categorias, não se encaixando em qualquer estruturação sistemática e questionando os métodos tradicionais de organizar o conhecimento e a experiência humana – tornando-o cognitivamente ameaçador, e, portanto, desencadeador do medo (CAMARA, 2012, p.166).

O fundamento do medo na literatura absorvido pelo leitor, não é necessariamente característica do fantástico. O medo é um traço do fantástico, mas não uma propriedade obrigatória. O próprio medo já foi objeto de escrutínio da historiografia, quando Jean Delemeau (1989) publicou a *História do medo no ocidente*, no qual buscou delinear as construções do medo nas determinadas temporalidades. Abordando o silenciamento do medo nos segmentos historiográficos. O medo é apresentando por intermédio de indivíduos europeus na forma de características duais: em que o nobre deve-se a uma construção do corajoso evidenciando a alteridade para com os camponeses ao qual o medo é atribuído. Por consequência, a construção do medo marca o homem camponês no propósito de inferioridade e punição. Conduzindo também a uma discussão do medo sobre os aspectos peculiares do que é estranho/desconhecido nas esferas do sobrenatural. Desta forma, trata-se de um diálogo coletivo da civilização ocidental:

O historiador em todo caso, não precisa procurar muito para identificar a presença do medo nos comportamentos de grupos. Dos povos ditos “primitivos” às sociedades contemporâneas, encontra-o quase a cada passo – e nos setores mais diversos da existência cotidiana (DELEMEAU, 1989, p. 26).

Raphael Camara, ao citar Cohen, em seu ensaio intitulado *A cultura dos Monstros: Sete Teses*, alega “que seria possível ler as culturas a partir dos monstros que eles geram” (COHEN, apud CAMARA, 2012, p.165). Como se cada época, os monstros fossem criados como produtos reveladores de determinadas temporalidades. O medo sobre aspecto sobrenatural, no caso dos monstros nas narrativas, de certa forma estruturara formas de correção e punição à conduta humana, usando o sentimento do medo no propósito de delinear comportamentos de uma sociedade³.

³ GARCIA, Flavio e BATALHA, Maria C. (orgs). **Vertentes teóricas e ficcionais do Insólito**. Rio de Janeiro: Ed. Caetés, 2012.

Dessa forma, *Da fabricação dos monstros* (2009), não necessariamente trata da literatura que tematiza o monstruoso apenas a partir dessa categoria conceitual. Sua intenção é discutir a produção de um universo representativo do monstruoso. Apresentado brevemente nossa pesquisa acerca do insólito e monstruoso partimos para nosso corpus de análise: a série literária.

3. (RE)VIVENDO MORTO ATÉ O ANOITECER

Seguindo esses indícios epistêmicos, inserimos a literatura da Charlaine Harris, *The Southern Vampires Mysterie* (2001), cujo título no Brasil, conforme ressaltamos acima é *As crônicas da Sookie stackhouse*.

O enredo se passa na fictícia cidade de Bon Temps, localizada em Louisiana, onde os vampiros que por muito tempo viveram nas sombras, escondidos da sociedade e presentes na imaginação dos homens, veem a oportunidade de “saírem dos caixões” e esclarecer de uma vez por toda sua existência. Com a fabricação do sangue fictício – criado por cientistas japoneses – os seres sobrenaturais decidem retornar ao mundo dos humanos. Nesse contexto, *Morto até o anoitecer* (2007), traz à personagem Sookie Stackhouse, uma garçonete que possui poderes telepáticos e que sonhava em manter contato com as chamadas “criaturas da noite”. E assim que o vampiro Bill Compton adentra em seu estabelecimento de trabalho, seus desejos tornam-se reais. Atraída pela sua mente silenciosa, onde a telepata não conseguia escutar seus pensamentos, cria-se um elo entre Sookie e o vampiro, Bill. A partir desse romance a narrativa constrói a ideia dos mortos-vivos que lutam por seus “direitos civis”, como pensa Bill: “Já que as coisas mudaram em nossa cultura para pessoas com meu estilo de vida, decidi ir atrás de meus direitos” (HARRIS, 2007, p.56) e também por uma política de igualdade, dando espaço aos simpatizantes do movimento e aos que rejeitam a convivência entre humanos e vampiros.

Durante o enredo mortes misteriosas passam a acontecer na pequena cidade de Bon Temps. Assim, a comunidade lança as suspeitas ao outro, neste caso metamorfoseado no vampiro Bill, que havia voltado a sua cidade natal a fim de manter um local fixo. As vítimas eram encontradas com marcas de presas de vampiros, o que reforçava o discurso de ódio e as suspeitas. Esses assassinatos ocorriam com mulheres que mantinham contanto com os vampiros, denominadas de vampirólogas.

Nesse cenário de suspense e terror, o romance entre a garçonete telepata e o vampiro torna-se notório dentro da cidade. Por consequência, as reações dos moradores voltam ao

descontentamento por Sookie e seu envolvimento. O preconceito ante a relação do aceitação dos vampiros fica explícito, principalmente quando o assassino é desvendado. Os motivos pelo qual o assassino René Lenier (muito conhecido na cidade) teria cometido os crimes, é categorizado pelas relações de intolerância. “– garotas como você merecem morrer” (HARRIS, 2007, p.300). Uma marca constante nos romances é o discurso de ódio e o julgamento precipitado ao estranho, neste caso na figura do insólito vampiro. Recorrentemente, o primeiro livro faz menções a esses acontecimentos. Outra situação, René e um grupo de homens da cidade armam uma emboscada na casa de outros vampiros da região, no propósito de matá-los, metaforicamente lembrando uma verdadeira caças as bruxas, e também às perseguições da Kul Kux Klan, que historicamente agiu na região da Lousiana. Ateiam fogo na casa em plena luz do dia. “O restos de quatro caixões estavam estendido lado a lado na grama chamuscada” (HARRIS, 2007, P.189). E essa discussão torna-se intensa na obra, por mais que retrate a luta dos direitos civis em prol dos vampiros, não havia leis para criminalizar o ocorrido. Evidenciando a banalidade de como esses corpos são construídos pela Charlaïne.

Bon Temps, uma cidade bastante conservadora, com sérios princípios religiosos, abre debates entre o divino e as criaturas do submundo. “– Você realmente acredita que perdeu a própria alma? – era o que a igreja católica pregava sobre os vampiros” (HARRIS, 2007, p.63). E assim, a igreja constrói uma argumentação de cunho intolerante no processo da sociedade vampiresca.

Deste modo, Sookie e Bill, vivem uma intensa e conturbada paixão. Categorizando Bill com as características marcantes do imaginário vampiresco, mostrando toda uma erotização do personagem sedutor. E nesse ambiente atraente surge o triângulo amoroso entre Sookie, Bill e o envolvente Eric, o vampiro chefe de Bill Compton. Assim, optamos por apresentar as relações transmídia entre romance e seriado televisivo, tendo em vista, a ampla difusão que os romances tiveram em consequência da adaptação.

4. A TRANSMÍDIA TÁTICA DO LEITOR VAMPIRO

Pensar nos questionamentos apresentados por *True Blood* de Allan Ball, baseado na saga da Harris, é perceber metaforicamente os conflitos atuais inserido nessa série literária. Desde o “sair do caixão”, como diz Harris (parodiando o termo “sair do armário”), que remete a umas das marcas de resistência LGBTT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais).

Existentes também, no livro, outras abordagens que fazem paródia com a realidade, como o sexismo, a homofobia e o racismo.

A partir desses questionamos, retomamos a Todorov (1980), quando define como Fantástico:

A presença do natural e do sobrenatural em uma mesma posição: é necessário que o texto obrigue ao leitor considerar o mundo dos personagens como um mundo de pessoas reais, e a vacilar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados (TODOROV, 1980 p.19).

Sendo assim, a literatura fantástica existe nessa vacilação entre o real e o imaginário. Apresenta ao leitor um conteúdo híbrido, permitindo o contato do mundo sobrenatural ao mundo concreto. Logo, é crucial para a existência da hesitação do texto que o leitor interaja com a obra e compreenda o seu perfil de receptor.

Dessa maneira, a interpretação do livro *Morto até o anoitecer* (2007) e seu universo de leitores (bem como os usuários das adaptações da série televisa True Blood 2008-2014) forneceu a atribuição para compreensão da produção editorial juvenil, e a relação da emergência desses jovens leitores nas literaturas insólitas e fantásticas.

À vista disso, a pesquisa aponta para a configuração das representações culturais na literatura juvenil a partir do insólito e do fantástico; utilizando do espaço virtual para o mapeamento de estratégias de leituras na contemporaneidade, e assim sistematizando esquemas para desvendar o que provoca a busca desse jovem leitor por certa tendência literária, para a obtenção de justificativas através do universo cibernético.

A partir dessa investigação nasce a possibilidade de entendermos como funciona o universo do leitor, construindo a ideia de que esses jovens são consumidores e produtores do atual cenário midiático. Henry Jenkins (2009) define essa variação como a cultura da convergência:

Bem-vindo à cultura da convergência, onde as velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis. (JENKINS, 2009, p. 29)

Quando iniciamos o exercício da busca dos perfis desses leitores utilizando a internet, adentramos a um mundo particular, somos apresentados a vocabulários novos, visões e análises diferentes, pertencentes a esses grupos de jovens leitores. Certeau (1998) traz a ideia

daquilo que “o consumidor cultural “fabrica” durante essas horas e com essas imagens”, apontando os procedimentos de uma subversão:

Os indígenas as subvertiam, não rejeitando-as diretamente ou modificando-as, mas pela sua maneira de usá-las para fins e em função de referências estranhas ao sistema do qual não podiam fugir. Elas eram outros, mesmo no seio da colonização que os “assimilava” exteriormente; seu modo de usar a ordem dominante exercia seu poder, que não tinham meios para recusar a esse poder escapavam sem deixá-lo. A força de sua diferença se mantinha nos procedimentos de “consumo”. Em grau menor um equívoco semelhante se insinua em nossas sociedades com o uso que os meios “populares” fazem das culturas difundidas e impostas pelas “elites” produtoras de linguagem. (CERTEAU, 1998, p. 39)

É a partir desse jogo de apropriação que analisamos a manipulação realizada por esses consumidores. Em vista disso, o amplo espaço concedido a esses jovens, viabiliza uma nova experiência do produto consumido, organizando o novo modelo de debates literários. Experimentamos um vocabulário singular. Surgindo assim, uma original maneira de interação entre os leitores/consumidores.

Então, a partir das discussões realizadas em torno do consumo das respectivas narrativas fantásticas e insólitas, Certeau (1998) nos leva a uma nova perspectiva de elaborar esse pensamento do produto e do consumo literário. Assim, remete-se a tipos de operações⁴, seja no campo de estratégias ora no campo de táticas. Classificar essas operações na pesquisa que foi realizada é considerar ações de estratégias e táticas. Como pesquisadores: produzimos, alteramos, manipulamos e mapeamos. Precisamente, esse jogo estratégico e tático subdivide na pesquisa.

Se a proposta da pesquisa envolvia as práticas dos leitores como consumidores, logo relacionou o jovem consumidor a uma categoria de tática. Manipula-se, altera-se o produto. Deste modo, no momento que adentramos nesse novo espaço da transmídia, onde “uma história transmídia desenrola-se através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo”, definido por (JENKINS, 2009, p.138) como cultura da convergência, é estar exposto a um circuito:

Pierre Lévy especula sobre que tipo de obras estéticas responderia às exigências das culturas do conhecimento. Primeiro, ele sugere “a distinção entre autores e leitores, produtores e espectadores, criadores e interpretes irá se dissolver” e formar um “circuito” (não exatamente uma matriz) de

⁴ CERTEAU, Invenção do cotidiano, 1998, p. 92

expressão, com cada participante trabalhando para “sustentar a atividade” dos outros (LÉVY apud JENKINS, 2009, p.137).

Portanto, o que o consumidor fabrica⁵? “no caso do consumo, pode-se-ia quase afirmar que a produção fornece o capital e os usuários, como locatários, adquirem o direito de efetuar operações sobre este fundo sem serem os seus proprietários” (CERTEAU, 1998, p. 96). Conseqüentemente, por mais que tente-se mapear o sistema de produção e consumo, indagamos, “o que eles “absorvem?”⁶

Chartier (1998), em *A aventura do livro: do leitor ao navegador*, suscita a internet como ferramenta de universalidade e de apropriação no campo da leitura. Pensar na revolução eletrônica através da história da leitura é reconhecer os lugares dos autores, escritores, das editoras e dos consumidores nas determinadas temporalidades.

No quesito editorial, vemos produções voltadas a públicos específicos de leitores. Se antes os escritores franceses dedicavam suas obras a figura de François Mitterrand⁷, transferindo o mérito da criação literária – essa baseada em espetáculos teatrais – ao “inspirador”, como fonte primordial da versão literária da peça original, conclui-se que: “Em suma, o príncipe recebe aquilo de que, no fundo, ele é virtualmente o autor”⁸. Pois, a partir da inspiração proporcionada, foi possível a edição impressa da comédia. E diante desse pressuposto percebe-se uma ligação do que seria o sistema editorial atual.

Se a dedicatória recebe a posição virtualmente da autoria na obra, porque não pensarmos nos emergentes leitores como os atuais responsáveis pelas tendências das publicações editoriais?

Realizar estratégias para a compreensão desse circuito de produção cultural literário ressalta a editora como fonte primordial da pesquisa. Antes, os direitos autorais de Charline Harris eram do selo Prestígio pertencente ao grupo Ediouro, em 2007 foi editado e publicado seu primeiro livro *Morto até o anoitecer* (2007). Selo é elemento paratextual que separam os livros por segmentos temáticos que podem oscilar entre: gênero, escrita e região, onde os departamentos das editoras optam por categorias mais específicas de publicação, como Aleph e a Darkside. Depois, os direitos de tradução da obra estão com a Editora Benvirá que é um selo de ficção e não ficção da Saraiva desde 2010.

Entretanto, o mérito do autor passa a ser reconhecido com mais abrangência:

⁵ CERTEAU, Invenção do cotidiano, 1998, p. 93

⁶ CERTEAU, Invenção do cotidiano, 1998, p. 89

⁷ CHARTIER, Aventura do livro: do leitor ao navegador, 1998, p. 20

⁸ CHARTIER, Aventura do livro: do leitor ao navegador, 1998, p 41

Adquire mais importância a dimensão do mercado, do público, do leitor: que se traduz, na página de título, pela presença da marca do livro-editor, às vezes do endereço em que se pode encontrar o livro, e, nas preliminares, pela existência das notas do leitor, é esta dualidade que caracteriza bem o ingresso do autor na idade moderna. (CERTEAU, 1998 p. 41)

Apoiado nas delimitações fornecidas por Chartier (1998) compreende-se como essa propriedade literária foi alterada ao decorrer dos séculos. E hoje as práticas dessas propriedades misturam-se novamente. E assim, como não tínhamos clareza das funções do autor, escritor, editor e da comercialização, essas habilidades adentram nos parâmetros dos textos eletrônicos. “Hoje, com as novas possibilidades oferecidas pelo texto eletrônico, sempre maleável e aberto as reescrituras múltiplas, são próprios fundamentos da apropriação individual dos textos que se veem colocados em questão” (CHARTIER, 1998, p. 49).

Eis a situação contemporânea.

E a partir dessa temática insólita e fantástica, analisamos a “desmaterialização e a descoparalização das obras”⁹, seguindo as pistas dos próprios leitores e suas artes no universo midiático da cultura virtual (como os blogs, as páginas de redes sociais e os sites relacionados a leitura).

A exemplo dessa união de massas juvenis onde expressam seus papéis como fãs de um produto, no propósito de compartilhar preocupações e interesses em comum origina-se o *fandom*¹⁰, um universo em que os fãs compartilham entre si mensagens relacionadas a uma determinada temática. Tornando um espaço híbrido, onde há apropriação do tema e assim criam-se novas versões, ressignificando os personagens em novos enredos. Portanto, se os antigos consumidores eram passivos, os novos consumidores são ativos (JENKINS 2009, p.47).

Registro alguns exemplos dos comentários encontrados através das perspectivas apresentadas. Um novo comportamento é atingido:

Gostava até de Bill e Sookie juntos, mas quando apareceu o Eric e começou a mostrar interesse por ela eu já estava mudando o meu shipper. O “vilão” é sedução pura e quero mais cenas dos dois juntos nessa nova temporada de TrueBlood!¹¹

⁹ CHARTIER, Roger. Aventura do livro: do leitor ao navegador, 1998 p. 67.

¹⁰ O fandom é mais comum entre fãs de Musicas, ciência, literatura ou série de televisão, aplica-se geralmente na Internet, entre os usuários que se prontificam a passar horas online discutindo sobre o tema e debatendo idéias diferentes.

¹¹ <https://www.facebook.com/l.php?u=https%3A%2F%2Fnasquartasusamosrosa.wordpress.com%2F2013%2F06%2F12%2Fpinky-wednesday-casais-de-series-2%2F%23comments&h=KAQHKjNVR&s=1>

O triângulo amoroso entre os personagens foi visualizado com frequência usado pelos usuários e seu enredo sedutor estava sempre presente nos debates. O *shipper* é um termo bastante conhecido na internet, principalmente pelo público jovem. Trata-se de um neologismo e ocorrem quando os fãs de filmes, livros, músicas e nos mais diversos meios de mídia. O público consagra tal personagem e questiona que esse mesmo personagem formaria um belo par com outro, unindo o casal e realizando a junção de seus respectivos nomes. Assim, escolhem personagens e *shippam*. “Pode fazer com quem quiser, com quantas pessoas quiser, de qualquer anime que quiser... Não há regras, é algo que você cria para sua própria alegria”¹². Categorizando a criação de um novo personagem, a partir dessa junção de nomes formando uma nova personalidade.

A noção de *shippar*¹³ é característica dessas práticas de leitura da contemporaneidade. Por mais que a obra literária e a adaptação televisiva recorram a um contexto mais extenso, os jovens consumidores recortaram para essa prática de apropriação de uma leitura mais romantizada. “Acho um desrespeito com nós shippers de <Seric3 eles modificarem tanto o romance da Sookie e do Eric. Tipo eles passam quase todos os livros juntos.”¹⁴

5. BON TEMPS E O CORPO QUEER

True Blood (2008 – 2014) não é categorizada apenas por uma trama policial-investigativa, nos traz problemáticas de conflitos cotidianos e do tempo presente. O erotismo também compõe a série, mais do que nas crônicas da Harris. E esses conflitos sociais remetem corriqueiramente no decorrer da trama. Os movimentos pelos direitos civis ultrapassam a realidade humana e abarcam o mundo dos seres sobrenaturais.

Em tempos de intolerância, a série possibilita representações sociais de uma sociedade que semeia o ódio diante as diferenças. Beatriz Preciado, em *Multidões Queer: notas para uma política dos anormais* (2011), suscita o exercício político de subversão dos ditos anormais; construindo um arsenal de corpos rejeitados, mutilados, desconfigurados das ordens de poder, e desta forma produz um espaço de unificação para esses corpos monstros. Assim, cria-se uma multidão:

O corpo não é um dado passivo sobre o qual age o biopoder, mas antes a potência mesma que torna possível a incorporação protética dos gêneros. A

¹² <http://naoeminhaculpaquenaosoupopular.blogspot.com.br/2014/11/o-que-e-shippar.html>

¹³ É um derivado do neologismo relationship, que significa em português relacionamento.

¹⁴ [https://www.facebook.com/StackhouseNorthman/?fref=tsSookie e Eric](https://www.facebook.com/StackhouseNorthman/?fref=tsSookie%20e%20Eric)

sexopolítica torna-se não somente um lugar de poder, mas, sobretudo, o espaço de uma criação na qual se sucedem e se justapõem os movimentos feministas, homossexuais, transexuais, intersexuais, transgêneros, chicanas, pós-coloniais... As minorias sexuais tornam-se multidões. O monstro sexual que tem por nome multidão torna-se queer. (PRECIADO, 2011, p.14)

Como Preciado remete ao império sexual, há uma força regulamentadora, que visa controlar os corpos e assim age contra potência dos anormais. Esses corpos nas narrativas da Harris seriam toda essa multidão de *Bon Temps*, uma cidade apresentada por telapata, vampiros, lobos, metamorfos. Uma diversidade de corpos, que sentem o poder do controlador. Como afirma Jeha (2009):

Qualquer transgressão das fronteiras ou limites estabelecidos pelo grupo, quer sejam abstratos ou concretos, causa desconforto e requer que o mundo retorne ao estado considerado certo. O monstro é um artifício para rotular as infrações desses limites sociais”. (JEHA, 2009, p.19)

Pensar no por que dos corpos precisarem seguir uma estrutura única exalta os “dispositivos biotecnológicos de produção de subjetividade sexual” (PRECIADO, 2011, p.14), onde há alteração das formas de construção do corpo e assim reivindica a naturalização dessa homogeneidade normatizadora.

Como já foi dito, *Morto até o anoitecer* (2007) inspirou a primeira temporada da série *True Blood* (2008-2014). Apresentando questões de uma realidade intolerante e evidencia a banalização da violência aos corpos estranhos. O “corpo estranho” como remete a Louro (2013), provoca inquietações. São corpos encontrados fora das ordens de poder, tratados como pré-sujeitos e caracterizados como corpos abjetos (BUTLER, 2003).

Apoiando-se em Louro (2013), aqueles e aquelas que rompem as fronteiras de gênero, de sexualidade, que confundem os sinais propriamente afirmados por cada território, são pensados como os sujeitos diferentes que descumprem o padrão normativo. E essa relação entre o processo de aceitação do morto-vivo na literatura nos faz pensar na austeridade de como esses corpos são (re)significados no tempo presente.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que o percurso dessa breve análise da obra literária, possibilitou investigarmos as editoras e a adaptação televisiva. Logo após, usamos o mapeamento no

propósito de desvendar as práticas de consumo dos jovens leitores, nos diversos meios virtuais a fim de abranger a compreensão desse universo midiático. Sendo possível uma leitura desse circuito de produção.

Através da pesquisa, a partir desse universo convergente, um dos pontos localizáveis foi que as obras literárias utilizadas na pesquisa começaram a ser discutidas posteriormente a adaptação da série televisiva. No caso, os leitores que foram pesquisados partiram para o enredo literário em seguida o consumo do seriado, as crônicas pouco eram conhecidas entre os jovens.

Apoiando nesse controle das mídias em que os leitores têm assumido conclui-se que:

A convergência também ocorre quando as pessoas assumem o controle das mídias. Entretenimento não é a única coisa que flui nas plataformas de mídia. Nossa vida, nossos relacionamentos, memórias, fantasias e desejos também fluem pelos canais de mídia. (JINKINS, 2009, p. 45)

A ideia articulada sobre essa moldagem em que os leitores assumem ao utilizar as obras (seja a sua especificidade), segundo Certeau (1998), cria-se um espaço onde “a tática não tem por lugar senão o do outro”¹⁵. E é a partir dessa textualidade que os fandoms são elaborados. Grupos de fãs que formam um espaço online e debatem sobre determinado ídolo, seja cantor, obras cinematográficas, literárias. Parafraseando Jenkins (2009), formam estruturas sociais e culturais por determinadas massas. E além dessas discussões, os fandoms proporcionam círculos de amizades entre os fãs. A questão dessa coletividade nos grupos online remete a Jenkins (2009) com o conceito de inteligência coletiva:

Nenhum de nós pode saber de tudo; cada um de nós sabe alguma coisa; e podemos juntar as peças se associarmos nossos recursos e unirmos nossas habilidades. A inteligência coletiva pode ser vista como uma fonte de alternativa de poder midiático. Estamos aprendendo a usar esse poder em nossas interações diárias dentro da cultura da convergência. (JENKINS, 2009, p. 30)

Por conseguinte, esses usuários são aqueles que consomem de maneira mais acentuada em vários sentidos, seja de forma crítica pelo conhecimento (da série, do livro, filme) ou de forma financeira, por um mercado midiático voltado para as redes de marketing. Como Chartier (1998) evidencia essa discussão sobre o leitor e de como ele se apropria do texto

¹⁵ CERTEAU, invenção do Cotidiano, 1998, p. 100

eletrônico, surgindo novos espaços e modalidades de interpretações das determinantes funções entre o autor e o leitor:

O que produz de fato a revolução do texto eletrônico, senão um passo suplementar no processo de desmaterialização, e descorporalização da obra, que se torna muito difícil de estancar? Todos os processos modernos sobre a propriedade literária, em particular, em torno da noção de imitação, de plágio, de empréstimo, já estão ligados a esta dupla questão: a dos critérios que caracterizam a obra independentemente de suas diferentes materializações e a de sua identidade específica (CHARTIER, 1998, p. 70).

Em *A história ou a leitura do tempo*, Chartier (2009) vem fragmentar os estudos do meio historiográfico, ampliando a importância dessa nova modalidade contínua de composição, transmissão e apropriação do escrito. Portanto, se nenhuma escrita é neutra as narrativas constituem representações. A literatura tem um papel social e cultural dentro de cada temporalidade. Logo, a literatura é uma apropriação social, e a partir dessa “história na era digital” que vem “tratar de novas modalidades de construção, publicação e recepção dos discursos históricos¹⁶”, como analisa Jenkins (2009):

Na forma ideal de narrativa transmídia, cada meio faz o que faz de melhor – a fim de que uma história possa ser introduzida num filme, ser expandida pela televisão, romances e quadrinhos; seu universo possa ser explorado em games ou experimentado como atração de um parque de diversões (JENKINS, 2009, p.138).

Os mortos-vivos da Charlene Harris possibilitaram não somente uma leitura sobre a discussões do seu gênero literário, mas através dos seus corpos monstros uma leitura da sociedade. E por intermédio dos jovens leitores, compreender como a história da leitura e suas práticas são representadas na contemporaneidade, conceitualizando esses novos espaços que se constroem de forma coletiva, ocasionando essas práticas a uma colisão. Colidindo uma a outra no campo das ressignificações da transmídia. Portanto, pensar em conclusões nesse espaço de convergência (entre as obras literárias, séries televisivas, blogs, *fandoms* e entre outros recursos midiáticos), não é o bastante dentro dessas plataformas de transformações em que literatura, seriado televisivo, leitores, fãs e editoras transcriam suas relações, complexificando as noções estanques de leitura que outrora permeou a literatura.

¹⁶ CHARTIER, 2009, p. 59

ABSTRACT

This article starts from the field of History and Literature to understand the editorial production circuit (editing, authoring and readers), analyzing from the *Morto até o anoitecer* (2001), from north-American author Charlaine Harris, both the construction of fear (DELEUMEAU, 1989) in the fantastic (Todorov, 1980) and unusual fictional (GARCIA; BATALHA, 2012) as well as the appropriation of readers to this "ghoulish" narrative, order here the vampire as Queer construction and thus a real metaphorization. Therefore, this research starts from literature and historiographical observation understanding the mediatic formation, with communities of fans and transpositions inter/trans/media (JENKINS, 2009) to continue the History of Reading and Young Readers (CHARTIER, 1998, 2009) realizing these readers while tactical users (CERTEAU, 1998) which produce a new circularity editorial and create hybrid characters marrying them, from "shippers", leading them to fabricate new historicity - and new monsters (JEHA, 2009) - expanding the field spanning beyond reading.

Palavras chaves: History of Reading. Vampires. Inter/Trans/Media

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMARA, Raphael da Silva. Sob o estigma da bruxa: o medo e o sobrenatural em “A Feiticeira”, de Inglês de Sousa. In: GARCIA, Flavio e BATALHA, Maria C. **Vertentes teóricas e ficcionais do Insólito**. Rio de Janeiro: Ed. Caetés, 2012.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

FIGUEIREDO, Talita Souza. Metamorfose e sonho: vestígios do insólito em “demônios”. In: GARCIA, Flavio e BATALHA, Maria C. **Vertentes teóricas e ficcionais do Insólito**. Rio de Janeiro: Ed. Caetés, 2012.

GARCIA, Flavio e BATALHA, Maria C. **Vertentes teóricas e ficcionais do Insólito**. Rio de Janeiro: Ed. Caetés, 2012.

HARRIS, Charlaine. **Morto até o Anoitecer**. Tradução Chico Lopes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

HARRIS, Charlaine. **Procura-se um vampiro**. São Paulo: Benvirá, 2011.

JEHA, Julio (org.); NASCIMENTO, Lyslei ; **Fabricação dos monstros**. Minas Gerais: Editora UFMG, 2009.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2ª Ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LOURO. Guacira Lopes. **Um copo estranho: ensaios sobre a sexualidade e a teoria queer**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

NÓBREGA, Elisa Mariana de Medeiros; NÓBREGA, Geralda Medeiros. **Zumbis, vampiros e alguns humanos: uma análise histórica e literária do corpo monstruoso.** In: XIII Congresso Internacional da ABRALIC Internacionalização do Regional, 2013.

PRECIADO, Beatriz. Multidões Queer: notas para uma política dos anormais. **Revista Estudos Feministas**, 2011.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica.** 1980. Disponível em: <<http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/2260559.pdf>> Acesso 25 Set 2016.

PINKY WEDNESDAY: casais de séries. Disponível em: <<https://www.facebook.com/l.php?u=https%3A%2F%2Fnasquartasusamosrosa.wordpress.com%2F2013%2F06%2F12%2Fpinky-wednesday-casais-de-series-2%2F%23comments&h=KAQHKjNVR&s=1>> Acesso em: 20 Set 2016.

SHIPPAR, O que é. Disponível em: <<http://naoeminhaculpaquenaosoupopular.blogspot.com.br/2014/11/o-que-e-shippar.html>> Acesso em: 20 Set 2016.

SOOKIE E ERIC. Disponível em: <[https://www.facebook.com/StackhouseNorthman/?fref=tsSookie e Eric](https://www.facebook.com/StackhouseNorthman/?fref=tsSookie%20e%20Eric)> Acesso em 20 Set 2016.